

Das cinzas da ideologia: sistema regional, fronteiras e conflitos interestatais na América Latina

Antonio Mitre

Resumo

Depois de um breve balanço dos conflitos interestatais no pós-guerra, que ratifica a tendência pacifista da região, identificam-se algumas das causas que frequentemente aparecem como responsáveis por essa trajetória, entre elas a ascendência dos Estados Unidos, o relativo distanciamento da América Latina com relação aos centros nevrálgicos do sistema mundial e, por último, a existência de uma parafernália de organizações regionais com ampla experiência na arbitragem de conflitos interestatais. Contra esse pano de fundo, o trabalho discorre sobre o futuro da tradição pacifista, levando em conta, por um lado, a crise de hegemonia da potência estadunidense e, por outro, a maior inserção da América Latina no sistema mundial, em um cenário no qual despontam novamente antagonismos ideológicos de monta, competição pela liderança regional e uma eventual perda de legitimidade dos órgãos de segurança coletivos.

A tese desenvolvida ao longo do texto é de que as controvérsias relativas a limites continuam sendo as que possuem maior potencial para gerar guerras interestatais, e que atualmente o grau de ameaça aumenta em função de duas tendências: a intensificação de conflitos sociais em áreas de fronteira nas quais a presença de poderes públicos é deficiente, e a menor capacidade de arbitragem de órgãos coletivos em função da crescente polarização ideológica entre regimes políticos.

Desde essa ótica, revisa-se, primeiro, o curso dos conflitos regionais e se analisam as variações no sistema interamericano com ênfase no papel da Organização dos Estados Americanos (OEA) como agência pacificadora. Logo se examinam dois processos concomitantes: a latino-americanização das políticas externas de Brasil, Argentina e Venezuela, e o distanciamento e a redução da influência dos Estados Unidos na região. Essa trajetória se conclui com a configuração de blocos que se articulam a partir de afinidades políticas e de um distinto posicionamento com relação às prioridades da agenda norte-americana, seja sobre livre comércio, combate ao narcotráfico, bases militares ou temas de segurança coletiva. Transcendendo o marco temporal de seus atuais protagonistas – os Estados Unidos e seu sócio preferencial, a Colômbia, por um lado, a Venezuela e seus aliados mais próximos, por outro –

procura-se estabelecer a origem desse antagonismo e seu significado com relação ao tema que nos ocupa. Nessa linha, considera-se a renovada importância do Caribe e da América Central no atual quadro de polarização ideológica e o potencial desestabilizador dos conflitos de fronteira, levando em conta que a maior integração econômica não redundou, até hoje, na montagem de um sistema de defesa coletivo capaz de substituir o que foi criado pelo Tratado do Rio. Se bem que a presença de regimes democráticos contribuiu, nas últimas décadas, para a solução de várias disputas entre países latino-americanos, a tese de inspiração kantiana de que Estados democráticos não guerreiam entre si encontra seu limite nos numerosos casos nos quais a decisão de utilizar a força não se viu afetada por essa variável. O ensaio conclui destacando a urgência de conter a maré ideológica, crescente em ambos os lados do espectro, de modo a evitar que órgãos de conciliação e segurança coletivos percam a legitimidade e eficácia, necessárias na hora de arbitrar conflitos.